

AVENÇA

# REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Fomento Colonial

O Ministro das Colónias afirmou na inauguração do Congresso Colonial que Portugal na sua obra colonizadora não se limita a desbravar terreno inculto nem tão pouco a dar modo de vida social a povos selvagens. A obra colonizadora de Portugal tem tido outra função civilizadora, constituiu outra missão mais vasta, mais larga e talvez menos conhecida: — tem sido a de «criar almas». Esta frase feliz e verdadeira já correu mundo, isto é, já se tornou célebre. Não a vamos comentar mais uma vez, mas servimo-nos dela neste momento para a termos bem presente ao indicarmos parte do que está a ser efectivado nas colónias.

O ano de 1940 ficará memorável por tudo quanto tem sido feito e é do nosso conhecimento directo na Metrópole e também pelo que foi feito nas terras do nosso Império Colonial. Num ritmo de verdadeira actividade todo o programa indicado no ano de 1939 foi efectivado, como se as coisas no mundo tivessem decorrido sem alterações nem interrupções. Para demonstrar a nossa capacidade administrativa colonial foram levadas a cabo as obras previstas e anunciadas. A rede ferroviária, as estradas, os portos, os aerodromos, os edifícios públicos delineados no outro ano foram realizados em 1940.

«Ainda há pouco tempo foram inaugurados em Moçambique três importantes troços de linhas férreas: no Caminho de Ferro de Tete, no de Moçambique e no de Limpopo. Em Lourenço Marques foi construída uma esplendida Maternidade e já está de pé o primeiro dos três edifícios dum bloco de enfermeiras destinadas a indígenas. Em Macau foi autorizada a execução de importantes obras de aterro no porto, que representam uma grande medida sob o ponto de vista de salubridade, as quais irão resolver, humanitariamente, a crise de trabalho entre os muitos chineses ali refugiados por causa da guerra com o Japão.

Em S. Tomé procedeu-se à inauguração da nova delegação de saúde, num edifício de linhas modernas, apetrechado com todos os requisitos modernos.

Dos governadores das colónias, das forças vivas e das comissões da União Nacional, tem recebido o ilustre Ministro das Colónias sr. dr. Francisco Vieira Machado muitos e expressivos telegramas de felicitações pela notável política de fomento colonial que o Estado Novo está realizando.

Os actos inaugurais serviram de pretexto para que as populações homenageassem entusiasticamente os srs. Presidentes da República e do Conselho e Ministro das Colónias.

As comemorações centenárias foram encerradas nalgumas colónias com a inauguração de importantes melhoramentos e celebraram-se no meio de apoteóticas manifestações de patriotismo.»

Ajunte-se a isto a obra de unidade nacional cada vez mais afirmada entre a Metrópole e o Império e teremos a consoladora certeza de que Portugal caminha trabalhando para um futuro glorioso que só os loucos ou os inconscientes não vislumbram.

Não esqueçamos, contudo, que esta obra é possível pela segurança que vimos disfrutando desde que Salazar tomou conta da direcção e administração do País. E não esqueçamos também que este ritmo pode vir a sofrer quebra pelas circunstâncias dolorosas que o mundo vive. Precisamos de proceder de maneira a que todos os outros povos compreendam o nosso esforço e a nossa sinceridade. Por isso mesmo devemos meditar nas palavras do sr. Ministro das Colónias quando no referido congresso abordou as repercussões da guerra no que elas podem ter com a nossa actividade colonial. Elas aqui ficam arquivadas:

«Cumpre evidenciar, magoadamente, que as dificuldades se acumulam, levantadas, há que dizê-lo, por ser inteiramente

## Dr. Simões Barreiros

Foi a Lisboa na pretérita semana o nosso director sr. dr. Manuel Simões Barreiros, ilustre presidente da Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

### «Aqui Xangai, Rádio Portugal»

Deve sempre merecer especial carinho a todos os portugueses a actividade dos seus compatriotas em terras estranhas, porque o prestígio de que eles se conseguem rodear redonda em prestígio para o nome de Portugal. Em todos os recantos do mundo se encontram portugueses trabalhando e procurando, em complemento do trabalho, estreitar entre si laços de solidariedade que os mantenham intimamente ligados à Mãe-Pátria.

Em Xangai, segundo relata «A Voz de Macau» — importante diário nacionalista que se publica nesse longínquo território do Império — foi inaugurada e funciona diariamente uma estação emissora portuguesa, «Rádio Portugal», para difusão de música nacional e de conferências sobre o nosso país.

O sr. J. A. Ribeiro de Melo, consul geral de Portugal naquela cidade, disse — ao inaugurar a estação, comemorando o Duplo Centenário: «Todos os portugueses que escutam e aqueles que vierem a ter conhecimento desta inauguração, devem sentir-se orgulhosos com esta importante iniciativa».

Assim deve ser e assim é, com certeza.

verdade, por estorvos alheios, que não por carência nossa. Dificuldades que, não há que dissimular, podem ser das mais temerosas conseqüências e comprometer o nosso dedicado esforço de muitos anos. Com efeito, o bloqueio que a Inglaterra está fazendo a grande parte da Europa cria-nos, em África, situações que carecem ser removidas rapidamente, com espírito de amizade e compreensão.»

Uma certeza dela tiramos. Não somos nós, os portugueses, quem cria obstáculos ao futuro dos povos. Pelo contrário, somos nós talvez os únicos que abrimos o caminho a todos. Pois que nos deixem em paz, que nos deixem trabalhar. Não queremos mais para viver e triunfar.

M. O.

## Gerência Municipal

Não podemos fugir a dar aos leitores de *O Mensageiro* parte, por não nos ser possível publicar integralmente, do Relatório Anual da Gerência da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos. Sob todos os aspectos, o examinámos, esse Relatório apresenta-nos princípios, estabelece doutrina, dá indicações, menciona factos que todo o concelho e todos os concelhos gostarão de conhecer.

Já aqui dissémos que se há municipais, que se não preocupam com a vida dos seus concelhos e tanto se lhes dá que a água corra para baixo como para cima, que os desejos nas canalizações estejam estagnados como exalem miasmas quando o sol se bafeja, que se façam obras como se destruam outras, o certo é também que há muitos municipais que gostam de acompanhar a vida municipal, o que só lhes é possível através a imprensa.

Nas contas, apresentadas há tempo, viram os leitores de *O Mensageiro* como a Câmara de Figueiró dos Vinhos tem procurado zelar os interesses do município aplicando os seus próprios recursos, nada desperdiçando em cousas inúteis. Agora no presente Relatório, publicado em suplemento ao nosso prezado colega *A Regeneração*, o digno Presidente da Câmara, nosso prezado amigo, ilustre procurador à Câmara Corporativa sr. dr. Simões Barreiros, dá conhecimento ao Conselho Municipal, e por intermédio deste a todo o concelho, o que foi a gerência a vida municipal do concelho de Figueiró dos Vinhos no ano de 1940.

Vê-se do Relatório o cuidado, a preocupação que o sr. dr. Simões Barreiros tem em cumprir as disposições duma lei que como procurador à Câmara Corporativa estudou e aprovou e sobretudo vê-se o desejo que tem de todos conhecerem a vida municipal nos seus mais insignificantes pormenores e como dá todos os elementos ao Conselho Municipal para este aprovar ou regeitar a forma como são geridos os negócios municipais.

Não sabemos, nem no caso presente isso nos preocupa, se outras Câmaras ligarão a consideração e respeito pelas suas prerogativas aos seus Conselhos Municipais nem ainda se estes no uso que nos parece ser um direito procuram zelar os interesses dos municípios. Não é disto que agora cuidamos ou nos chama a atenção, mas apenas apreciar o Relatório, que temos na nossa frente e que, repetimos, é pena não termos espaço para transcrever na íntegra.

Depois de transcrever parte do relatório, que já é do conhecimento dos nossos leitores, o nosso colega *O Mensageiro*, termina assim:

Não precisa comentários tão elucidativo relatório; o que precisa é de aplausos quem assim trabalha pelo seu concelho, pela sua vila, uma das mais lindas de Portugal. Não lhe regateamos esses aplausos, que juntamos ao nosso agradecimento, por nos dar a conhecer a vida municipal do seu concelho sem receio de que lhe possam vir a chover censuras por tornar público o seu trabalho, a sua actividade, a forma como são estudados e realizados melhoramentos, que, beneficiando um concelho, dignificam o Estado, que tem ao seu serviço quem assim desinteressadamente e tão activamente trabalha pelo bem comum.

## BODO AOS POBRES

Pelo presidente da nossa Câmara, ta Casa da Misericórdia e, na distribuição, no dia de Natal, triboição foi auxiliado, pelos srs. — um bodo a trezentos pobres. José Manuel Godinho e Manuel A distribuição teve lugar na Sa- Lourenço Gomes dos Santos.

« Defesa Nacional »

Na reeducação militar do nosso povo tem desempenhado papel de singular relevo a revista « Defesa Nacional », publicada sob o patrocínio da Presidência do Conselho. A acção deste órgão da imprensa não se limita, e já era alguma coisa, aos artigos, documentários e gravuras publicados nas páginas; devem-se-lhe iniciativas de grande alcance levadas a cabo com pleno êxito e que muito tem contribuído para a dignificação da força armada.

Realizou a « Defesa Nacional » cerca de 50 conferências em associações, grêmios, escolas e liceus e mais de 100 palestras, na sua maioria radiodifundidas, reunindo em 4 volumes êsses trabalhos; promoveu as Semanas Militares, em 1935, 1936 e 1937, precursoras do Dia da Marinha e do Dia do Exército, mais tarde instituídos por diploma legal; com a cooperação do Secretariado da Propaganda Nacional, realizou em quartéis e cinemas algumas sessões cinematográficas de propaganda da obra do Estado Novo; organizou numerosas competições desportivas militares para a disputa de 35 Taças; promoveu o « Natal do Soldado », e o « Folar do Soldado »; realizou Exposições de Bibliografia Militar, dos Artistas Militares, de Fotografia Militar, de Defesa Anti-Aéreas; instituiu o Prémio de Literatura Militar, o Prémio Escolar « Defesa Nacional » e o Prémio Marechal Teixeira Rebelo; finalmente, e além doutras iniciativas que não citámos, promoveu a homenagem dos antigos alunos do Colégio Militar a Salazar.

Pode-se, pois, afirmar que a revista « Defesa Nacional » correspondeu brilhantemente aos fins para que foi fundada.

NEVÃO

Na tarde de sábado e durante toda a noite, quarta e quinta-feira, caiu um grande nevão, nesta região.

O espectáculo, a que não estamos habituados, foi muito admirado por toda a gente, sobretudo, por aqueles que nunca o tinham presenciado.

O Código Administrativo

Pelo decreto n.º 31.095, de 31 de Dezembro do ano findo, foram aprovados o Código Administrativo e o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes, depois de nêles terem sido introduzidas as alterações que a Comissão encarregada de os rever achou necessárias em face das justas reclamações ou alvitre dos interessados.

A reforma administrativa assim concluída é uma obra de grande envergadura que sobremodo honra, além do sr. Presidente do Conselho e do sr. Ministro do Interior, os juristas que nele foram chamados a colaborar. Estudaram-se e ponderaram-se minuciosamente os vários casos particulares, com espírito de justiça e tendo sempre em vista as soluções que melhor se coadunam com o interesse geral; pode, por isso, afirmar-se que o novo Código Administrativo e o Estatuto que o completa, constituem documento essencial da Revolução portuguesa.

É indispensável que as pessoas a quem está entregue a sua execução trabalhem no mesmo espírito da lei, para que ela seja — de facto — uma reforma viva e não apenas uma teoria de regras estereis e improficuas.

**AUTO-INDUSTRIAL, L.<sup>DA</sup>**  
**COIMBRA**

4 Garagens de Recolha - 3 Estações de Serviço - Lavagem - Lubrificação Especializada  
**SERVIÇO PERMANENTE**

**Avenida Navarro, 36 - SEDE**      **Avenida Navarro, 45 - Garagem Luzitana**  
**Avenida Sá da Bandeira, 104 - Garagem Santa Cruz**  
**Nová Garagem da Avenida Fernão de Magalhães**

Com grandes oficinas de reparações mecânicas. Electricidade - Pintura - Segeiro - Estofador - Bate-chapas  
Banca de provas para afinação e reparação de motores a óleos pesados. Aparelhos de grande precisão para análise científica de todos os órgãos eléctricos dos motores.  
Aparelho hidráulico para desempenho rápido de carroçarias.  
Rectificador de cambótas - Aparelhagem para rectificar e encamisar cilindros. Execução rápida e perfeita.  
Pronto-Socorro privativo das oficinas

**Todos os acessórios para o automobilismo.** Distribuidores exclusivos em Portugal das peças legítimas **CHEVROLET** da General Motors Company - Grande stock de peças - Opel - Blitz - Bedford - Oldsmobile - Vauxhall e G. M. C.

**Depositários dos pneus Dunlop e Michelin**  
Telefones - 58 - 614 - 941 - P. B. X.      6-6

Estações de serviço autorizadas, do Automóvel Club de Portugal

Estradas de todos os tempos

As estradas, sobre as quais se desenvolve o movimento e corre a vida são, para todos os tempos, expressão e vestígio da história dos povos. Os caminhos e os destinos das nações e dos homens encontram-se ligados de maneira simbólica. Na forma de construção e na maneira de conduzir as estradas reflecte-se não só a técnica das diferentes épocas mas, mais ainda, também a vontade e o espírito dos seus constructores. Grandes construções de estradas foram em todos os tempos o sinal de força e de poder e o efeito dum alto nível de civilização.

Sobre os primeiros e primitivos caminhos da Germânia deu-se a celebre migração dos povos. Sobre caminhos envoltos pela lenda seguiram noutros tempos os Nibelungos do Alto Reno para o Danúbio. Ainda hoje não desapareceram, de todo, os vestígios das estradas medievais que documentam a magnificência do Império e o esplendor do comércio de então.

A estrada calcetada mais antiga de que temos conhecimento foi construída ao mesmo tempo que a pirâmide de Keops, três mil anos antes da era de Cristo. Os historiadores descrevem-na como obra equivalente às próprias pirâmides. O reino dos Persas estava ligado por longas estradas que facilitavam o trânsito bem como o rápido movimento das tropas. Os Fenícios e Cartagineses efectuaram obras importantíssimas no que respeita à construção de estradas, e as estradas imperiais chinesas que partiam de Pequim em forma de estrela ainda hoje servem como auto-estradas.

Incontestáveis mestres na construção de estradas, foram,

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa recopilação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Dr Abílio da Conceição Rodrigues, Castanheira de Pera
- Paulo Simões de Figueiredo, Azeitão
- Manuel Henriques, Fonte da Corte
- João Francisco Mendes, Guiné Portuguesa
- Augusto Antunes, Vilas de Pedro
- Valentim Coelho da Fonseca, Pobrais

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

no entanto, os Romanos. O seu reino poderosíssimo seria imaginável sem a vasta rede de estradas com a sua importância estratégica, política e comercial. A rede de estradas romanas atingiu um comprimento de 85.000 quilómetros indo da Escócia a Jerusalém, do Danúbio aos Pirinéus. Um serviço de correios de primeira ordem tinha sido organizado já naquele tempo, tendo importância tanto política como comercial.

Mais tarde foram sobretudo as estradas de Napoleão que, na Europa, conservaram vivos, até hoje, o espírito e o génio do grande Corso.

Nos nossos tempos são as auto-estradas construídas na Alemanha que mais dão que falar. Se também em Portugal se está dando grande atenção à renovação e à construção de novas e belas estradas, é sobre o aspecto do seu valor como documento da vontade da Nação que deve ser encarado o esforço que se está fazendo nesse sentido.

Virtude e sobriedade

Atacado pelos inimigos que lhe tomaram a bagagem, viu-se o rei Artaxerxes na contingência de ter de se refugiar numa casa onde não havia para comer senão figos secos e pão de cavada.

Comeu o soberano o fraco manjar com muito apetite, resultado natural da fome e do cansaço que o atormentavam, dizendo ao terminar: — Olhem de que delicias não tinha eu provado até agora!

Ao conquistar a Asia, entrou Alexandre Magno pela Caria onde foi amavelmente recebido pela princesa Ada.

Entre as várias distinções que lhe proporcionou, enviou essa senhora a Alexandre as mais finas ighurias e um grupo de cosinheiros bem adestrados na arte. Porém o soberano despediu-os e com eles seguiram as ofertas. A propósito disse: — Leonidas, meu mestre, proporcionou-me cosinheiros melhores que vós, porque me ensinou que para jantar com gosto não havia coisa melhor que levantar cedo e fazer bom exercício, e para ceiar bem, ter jantado parcamente.

Segundo o dr. L. Noirot, Perseu considerava a sobriedade uma inclinação divina, mãe de todas as virtudes e companheira da castidade.

« Santa e pura sobriedade — escreve Carnaro — como os homens deviam ser-te reconhecidos! Graças a ti, conservam esta bem tam apreciável, a vida e a saúde, o maior dos favores que Deus aprouve conceder ao homem neste baixo mundo. »

Há um outro bem não menos valioso e precioso que a sobriedade oferece ao homem; é a virtude.

O intemperante é sempre imoral, porque a isso o conduz a falta de regra manifestada em todas as modalidades da sua vida orgânica e social. Foi pois com justiceiro critério que Perseu chamou à sobriedade mãe de todas as virtudes. Ela dá um ponto de apoio à vida realmente san.

J. Fontana da Silveira

Tanchoeiras

Vendem-se, com raiz, por cento ou milheiro preço especial, na Cerca do Convento desta vila de Figueiró dos Vinhos. 3-2

Casamento

Realizou-se nesta vila, no dia 4 do corrente, o casamento do sr. Adelino de Oliveira Canário, Alfaiate, com a menina Maria dos Remédios, filha do nosso amigo e assinante sr. José da Silva Júnior, ausente, em Africa. Foram padrinhos por parte do noivo o sr. Mantredo da Silva e sua esposa e por parte da noiva o sr. Antonio dos Santos e sua tia sr.ª Verginia Augusta da Silva. Aos noivos desejamos uma prolongada lua de mel.

Diante dos perigos, um só, pela força da nossa união

Na sua Mensagem do Ano Bom, mensagem de saudação a todos os portugueses, depois de se referir ao ano aureo dos Centenários e de salientar a « lição viva e vivo incitamento » que foram, para nós, as suas memoráveis festas, disse o venerando Chefe do Estado estas palavras:

« O nosso dever não é vergar tristemente o ânimo às inclemências do tempo presente, mas afrontá-las virilmente, ajudando-nos nas dificuldades uns aos outros, como membros da mesma família que realmente somos na Pátria, e apresentando-nos diante dos perigos como um só, pela força da nossa União. »

Na mesma definição do interesse nacional — que é o plano em que formam uma só família todos os portugueses — está o unirmo-nos, não só nas venturas da Pátria, senão ainda nas suas dores. O contrário, preferindo aquelas a estas, seria falsear a nossa união, por a reduzirmos no espaço e no tempo — e na sua substância. E ainda como não há união nacional sem disciplina e sem obediência aos Chefes — teríamos esta disciplina e esta obediência condicionadas pelo nosso bem-estar individual — o que é infringir e tornar dependente no nosso interesse a regra superior do interesse da Nação.

Como estas laves considerações, que nos falam à razão, e só assim é que nos movem a vontade, o nosso dever é, como disse o Chefe do Estado, não vergar tristemente às inclemências do tempo presente, mas diante dos perigos, sermos um só homem, pela força da nossa união. Tal dever obriga principalmente a União Nacional, cujos membros devem dar o exemplo da realidade da sua união, ao redor do Estado Novo e dos Chefes.

**Anúncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(2.ª publicação)

Faz-se saber que no dia 9 de Janeiro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito nos seus Paços do Concelho, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os prédios abaixo referidos, penhorados na execução de sentença que na 4.ª secção da 1.ª Vara da comarca de Lisboa, Feleciano Damião move a Izidro dos Santos, casado, sapateiro, residente nesta vila, em acção summaríssima:

Primeiro

Prédio urbano que se compõe de uma morada de casas de sobrado e lojas, com pateo e quintal, sita na Rua do Sol, desta vila de Figueiró dos Vinhos, partindo nascente com herdeiros de Manuel Rodrigues Perdigão, norte com José Simões da Silva, poente com a Rua da Alegria e sul com a dita Rua do Sol. Descrito na Conservatória sob o n.º 5:231 do 1.º B. 14.º e inscrito na matriz sob o art.º 230. Vai à praça no valor de 10:200\$00

Segundo

Terra com oliveiras, pinheiros e mato, sita á Fonte Velha, limite dos Chãos de Cima, desta freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com Augusto Baptista, norte com Américo Baptista, e sul com a estrada; descrita na Conservatória sob o n.º 28:170 do livro B. 71.º e inscrita na matriz sob os art.ºs 9:558-9:559-9:560 e 9:561. Vai á praça no valor de 155\$60 Figueiró dos Vinhos 20 de Dezembro de 1940.

O chefe da 2.ª Secção

Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» — N.º 524  
18 Janeiro de 1941

Abílio da Conceição Rodrigues

Advogado Tel. 40

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tódas as segundas-feiras até ao meio dia

CONSULTORIO DENTARIO

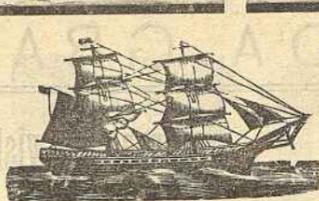
A. MARTINS NUNES  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8



Agência de passagens e passaportes DE

António Rodrigues

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

Vende passagens para tódá a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de tódá a documentação e responde a tódá a correspondência

12-6

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA (A' Praça da Figueira) Telefone 27998

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gótos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

Carreira de Camionetes

ENTRE

Castanheira de Pera e Lisboa

DE

BARREIROS & PINAZ

Garage AUTO-LYZ

Rua da Palma — Lisboa

CAMISAS LIMPOPE

MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A' venda no Estabelecimento de Gustavo Coelho Godet.

Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clínica geral Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos Clínica Geral

— Consultório e residência: — Praça José Malbôa.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clínica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

Anuncio

Julgado Municipal de Penela Editos de 30 dias

Correm editos de 30 dias notificando os executados Maria Idalina e marido António Martins, ausentes em parte incerta, com último domicílio no lugar dos Braçais, freguesia de Arega, Comarca de Figueiró dos Vinhos, de que, na Execução Sumária que o Ministério Público lhes move e a outros, foi ordenada a penhora no seguinte:

O direito e acção a uma sexta parte de uma terra de sementeira no sitio do Chouzinho, limite da Malhada Velha, freguesia do Espinhal, Julgado Municipal de Penela, que, tódá, confronta do nascente com Manuel Filipe Sapateiro, poente com António Alves, e sul com António Rodrigues, a eles pertencente. Penela, 6 de Janeiro de 1941.

O Eserivão

Augusto Montelobo

Verifiquei a exactidão

O Juiz Municipal,

a) F. Andrade

Jornal «A Regeneração» — N.º 524

de 18 de Janeiro de 1941

Vende-se

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija-se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão — Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

|        | Chegada | Partida |
|--------|---------|---------|
| Pontão | —       | 8,30    |
| Ancião | 8,50    | 9,00    |
| Pombal | 9,45    | 16,00   |
| Ancião | 16,50   | 17,00   |
| Pontão | 17,15   | —       |

Cabaços — Coimbra

DIARIA — (excepto aos Domingos)

|            | Chegada | Partida |
|------------|---------|---------|
| Cabaços    | —       | 6,45    |
| Alvaiázere | 7,00    | 7,05    |
| Pontão     | 7,50    | 8,00    |
| Coimbra    | 9,30    | 16,30   |
| Pontão     | 18,00   | 18,10   |
| Alvaiázere | 18,55   | 19,05   |
| Cabaços    | 19,20   | —       |

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira Cabaços-Coimbra, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-10

Banco Espírito Santo

e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE LAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-16 - Os melhores preços -

VENDE Madeira de castanho para construções, parreiras e latadas.

Abílio David dos Reis e sua mãe D. Albertina Quaresma David.

Vendem-se Duas casas na Trav. do Coto-vêlo e trespas-sa se um estabelecimento de Vinhos na Rua Dr. António José de Almeida.

Quem pretender dirija-se a Justino Mendes Medeiros — Figueiró dos Vinhos 3-3

# AGUA VAI Cartas de Lisboa

# DA GRAÇA

por  
ORLANDO COURRÉGE

Janeiro — 1941

## Longe da vista Longe do coração

Circunlóquio entre duas escolas

De certo por causa da guerra estão agora muito em uso à mistura com a Democracia os palavrões Nazismo e Fascismo, termos que ninguém sabe ao certo o que significam. E por causa de tais palavrões, que parecem significar algo, vá de atirar para cima da Democracia quantas enxuradas de coisas que vêm à cabeça. Que a Democracia é imprópria para governar povos, que a Democracia faz a desgraça de todos, que a Democracia isto e aquilo, tudo quanto é mau. Os que assim dizem, nem sabem o que significa, nem a conhecem por experiência, nem ao menos por ouvir dizer que os melhores povos do mundo se governam democraticamente. Só os povos atrasados, como os selvagens da Africa, deixam de ser governados por ela. Que falem a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte. Mas não é preciso ir tão longe. Mesmo aqui este nosso Portugal serve de respeitável exemplo.

Em Portugal fez-se o que há de melhor nos reinados de D. Luiz e D. Carlos, de ampla democracia entre nós. Quando é que se fez a enorme rede de estradas que atravessa todo o país? A coisa melhor que estamos gosando. Quando se fizeram as melhores estradas de ferro que nos conduzem a muita parte?

Que mal faz dizer estas verdades que, se honram os que lhe deram causa, dignificam os que não as escondem?

De 1860 até 1890, época de Democracia em Portugal, a vida dos portugueses não tinha fome, não havia miséria. Todos trabalhavam, vivia-se bem. Atravessavam-se serias, montes e vales sem o menor perigo de espécie alguma. Vivia-se bem. Até boas praias para descanso durante um mês no verão como Cascais, Nazareth, Figueira da Foz, Espinho, etc. Vivia-se bem e progrediu-se.

E' certo que essa Democracia, que no seu verdadeiro espirito é o governo do Povo pelo Povo, em Portugal não era bem assim por ser então um povo de analfabetos. A escolha dos que governavam era feita por caciques em vez de homens instruidos com a consciência da escolha necessária, mas a culpa não era da Democracia. Deem ao povo boa instrução e ele saberá fazer a escolha e é justo que a faça por ser a ele que interessa e é a ele que diz respeito.

De 1890 a 1910 a vida turbulenta dos ambiciosos que diziam servir a monarquia, e foram eles que a mataram, não permitiu que continuasse bem a engrandecimento do Estado. E que culpa tinha a Democracia? A juntar a tão grande mal aparecem os demagogos que foram quem aproveitou com os turbulentos dos monarquicos. As vergonhosissimas mortes de D. Carlos e do príncipe D. Luiz Filipe deixaram a porta aberta às ambições dos demagogos. Que culpa tiveram os princípios democraticos mal servidos por más creaturas?

Sou republicano por indole, mas sem deixar de ser democrático. Mas o que se passou nalguns anos da Republica nunca foi Democracia, mas torpe e desenfreada demagogia. Mataram-se homens nas ruas e praças de Lisboa como se fossem feras. Paremos aqui...

João de Cima

Assinar "A Regeneração" é contribuir para o progresso do nosso concelho.

Querido Amigo:

Como lhe prometi, de vez em quando lhe enviarei umas linhas desta cidade vistosa, com pretensões e garrida como damizela gentil que se prepara a noivar...

Mas V. escolheu mal. Não seria de facto eu o indicado para lhe dar noticias desta capital que o Amigo adora. V. deseja que as suas saudades sejam minoradas pelas minhas cartas e as nossas tão conhecidas R. do Ouro, Rossio, Chiado, os seus teatros, a sua fisionomia, as suas intrigas, de mistura com as peregrinações às vielas e bécas de Alfama ou Madragoa em momentos de nostálgicas recordações por poéticas visões de antanho, sejam avivadas pela minha prosa vulgar, pessimista por vezes, ou em demasia romantica neutras...

Ainda por cima, gosto pouco de escrever. O tempo que para isso gasto prefiro passá-lo lá para Santa Catarina a ver o Tejo aqui e além manchado pelas brancas velas dos mareantes entumecidas pelo sabor da aragem, ou o negro penacho do fumo dos possantes paquetes que à Rocha se acolhem, ou a perder a vista por toda esta colmeia enorme de casas variegadas, que constitue a cidade e que eu gosto de dominar do alto dalgum dos seus miradoiros. Ou ainda, a contemplar a Vida, quedando-me absorto perante as manifestações magnificas que brotam do seu seio. Apruz-me retratar na minha retina sempre ávida do Belo, a Natureza. Julgo e aprecio todas as obras do Homem, mas não gosto escrevê-las. Qualquer que seja a forma do discritivo é uma utopia querer dar-lhe forma de existência, de verdade; será uma apatência, uma semelhança mas nunca a imagem fiel do real.

Por muito bela que seja uma tela, nunca possuirá a fragrância, o colorido, a alma do natural. Será em todo o tempo uma pálida amostra do que existe...

Ingrata tarefa, pois, o meu Amigo me impôs. Como quere que eu, o inhábil pintor de umas quantas modestas telas literárias possa descrever «vivamente» — como me pediu — aquilo que por aqui vejo?

Mas aceitei e assim, já que o mal está feito, há-de por certo perdoar os meus «deslizes» de ordem vária, bem como também o hábito que tenho — que V. bem conhece — de divagar deixando a pena às vezes deslizar ao sopro dos sonhos, da imaginação, das minhas quimeras talvez, em deprimimento do assunto principal de que estava tratando.

Começou bem mal 1941. Pelo mundo vão desvairadas as ambições dos homens e milhares de pessoas abandonam seus lares destruidos, a fugir à devastação e deixando a terra de seus ancestrais.

Entrechocam-se civilizações, contrapõem-se doutrinas, sistemas económicos querem sobrelevar-se uns aos outros. A força — argumento por vezes eficaz — mas sempre odioso é o *mot d'ordre* de alguns que dizem querer construir algo. Mas se não lembram que os alicerces são amalgamados com sangue de milhares de indivíduos duma geração mártir de duas sangrentas guerras que só aspirava a paz, e a sentir a beleza da vida, em vez dos horrores que ela nos mostra por haver quem assim queira. Mas o que é construído sobre ódios, sobre lágrimas, sobre a angustia, pela morte, pouca duração tem por o seu edificio estar roído, minado, pela pestilencia dos cancores de desgraça sobre que foi fundado...

Mas tudo passará e estas considerações que hoje me assaltam ao ver tanta e tanta pobre gente refugiada, que pelas vias lisboetas vagueia, se o destino o quiser dentro em breve já não terão razão de ser.

Pelo meu olhar triste, ao ve-los, perpassa às vezes um clarão de alegria. E' ao distinguir no semblante desses estrangeiros, combinado com as sombras dos seus desgostos e o raiar das esperanças, o agradecimento a esta terra hospitaleira que os tem acolhido com simpatia. E onde, em vez do troar do canhão, do crepitar das metralhadoras, do estertor dos moribundos, das gentes que pedem pão, se ouve o estralar rijo, valente sim, mas de foguetes a anunciar festas ou romarias, gritos não de horror mas de alegria e no meio de tanta miséria e tristeza Portugal Centenário, na sua calma e modesto progresso, vai caminhando de cabeça erguida e é terra de Promissão ao viandante fugido.

Ontem à noite estive no recinto da Exposição do Mundo Português. A nortada soprava rija, o rio estava picado, a lua de vez em quando agazalhava-se por entre as nuvens...

A deslumbrante Nau aureo-rubra, rica como o esplendor do passado, quebrara amarras, como que em âncias de conquista em demanda dos mares guiada quicá pelo espirito daqueles que dali do Restelo bem próximo, sulcaram os mares então ignotos à procura de novas rotas — novas glórias — para Portugal. Mas o seu sonho de liberdade fôra fugaz como todos os sonhos e a prôa poderosa, doirada como o ouro que então vinha da Guiné, Moçambique e Sofala, não quisera o acaso que fôsse para muito além e encalhou à saída da doca, felizmente sem consequências graves.

Gola levantada, mãos nos bolsos, caminhando de-vagar e quasi indifferente ao frio, julgava encontrar-me em terra estranha, cidade imensa, grandiosa, de que eu seria o único habitante...

Tudo sombras, tudo negrume, tudo tristeza e solidão... contrastando com a luminosidade, a alegria, o entusiasmo, a claridade, de ainda há bem poucas semanas.

Na nossa mente prepassaram todas as lembranças admiráveis dessa obra sem igual no Mundo que foi a Exposição e que bem mostrou o que fomos, o que somos e por certo dará alento, força, ânimo para nós nos quedarmos nas cinzas do passado e cada vez mais procurarmos volver a gloriosas épocas.

Por entre essa «cidade-fantasma», hirta, hierática, presidia mages-

Subia o luar por entre os pinheiros. No ceu povoado de inúmeras estrelas estendia-se a via lactea cuja nublose clara e pura se esvaie no ar e evolue como nuvem de pó a perder no firmamento.

Na terra, disformes imagens trepam pelos montes, manchas escuras descem aos vales, que rescaldam dos últimos raios da tarde. A natureza após a calma ardente dum dia de estio, entregue ao delicioso silêncio e reanimada pela amena e suave aragem inspira sofregamente e revive horas de paz e bem estar.

Noite clara e cristalina! Tudo parece dormir. A vida, sob os braços lânguidos e pesarosos de Morfeu, num sonho de esperança e alegria, a terra num repouso desejado e bem fazejo, resumindo, a natureza adormeceu.

Sentado sobre a fria pedra para tudo olhamos: o ceu extasiados com sua infinda e clara luz, o mundo, molécula no espaço, comove-nos com sua beleza e bucolismo. Calara-se a krisa, socegara o mocho, recolhera-se o morego.

Atento sob os prateados raios duma, que agora surgia triunfante num doce de pedrarias e brilhoetes, velemos: — Em frente, a alva-centa Graça, mais perto, o cemitério, terra da verdade, em que dormia a morte (chão de tristeza e campo de saudade). O marulhar dos eucaliptos, o cissiar do vento nos ciprestes, o trinar da cotovia na oliveira, sumiram-se com o dia. Uma voz rouca e saudosa sobreveem com a ligeira e fresca brisa, que do norte se levanta. Dominado pela mais forte e viva emoção, num movimento espontâneo, firmamo nos de fé. Seria alguma trovada ou rápido tufão?... Voltamo-nos a observar. Que vimos?

Um edificio escuro, cujas nódoas claras refulgiam ao luar de Agosto, velado permanente e unicamente por um secular e robusto carvalho, testemunha dos seus triunfos (também os teve outrora), confidente das tristezas, que àquela hora, lhe fazem soltar suspiros de saudade e enviar um conselho de amigo, ou antes, palavras de mãe àquela que junto de nós repousa, aparente não realmente abandonado e esquecido.

«Hoje, sou a velha e afastada escola. Fui jovem. Erguida por um ministro do altar, ensinei às crianças, verdades eternas, indiguei-lhes as primeiras letras e cantei-lhes a velha taboada. Por longos anos, fui a acarinhadora e única mestra deste pequenino e ameno torrão. Os pequenitos despreocupados e chilreantes como abelhas junto da colmeia, rodeiam-me e acolhem-se sob o meu verde manto, a receberem a viva luz da instrução, renovados pela novo calor da educação.»

tosa a pérola dos Jerónimos e a minha lembrança fôí chaga ardente, por mais não ver com vida, essa cidade morta. Mas é melhor que assim seja. Pois como a um grande amor que a fatalidade corta no auge da sua espiritualidade, no apogeu da sua vibração para sempre só ficando uma nostálgica saudade, cada vez mais forte no imaginar das recordações, assim esta Exposição perdurará para todo o sempre no esplendor da sua visão maravilhosa.

Muito lhe poderia dizer dos meus pensamentos desta noite em que, vagabundo, deambulei tempos infindos. Mas por certo o aborreceria com as minhas divagações de noctívago que adora a luz da lua, o seu prateado e meigo reflexo, por ver que o rutilar do sol é belo em demasia para um mortal como eu, mesquinho e defeituoso, igual a meus irmãos terrenos e portanto dêle nada merecedor.

E assim o deixa por hoje, abraçando o, o amigo «ex corde»

Como um novo sol, que num dia escuro e tenebroso, surgiu do zénite, radiando luz e vida, eu levantada no cimo deste monte, sobranceira à própria Graça, ao fundo do rústico Altardo, difundi por toda a nossa terra *lucem veritatis* a luz da verdade e da nova vida da instrução.

Estimada pela boa gente desta região que a morte arrebatou já, e amada pela adolescência, que o tempo lançou para longes terras ontem engastado pelas aldeias da cercania, era querida de todos!... Volveram anos. Pais e filhos aqui vieram e se assentaram nos meus bancos de pinho carunchoso. O professor a todos dispensava carinho e atenção, levantava a rigorosa mão da disciplina e ordem. Rainha desta terra, espalhei a verdade, dei a noção do dever e indiquei o caminho da virtude e do bem. O tempo por nada se comove, e passa correndo sempre. A ventania do inverno, a borrasca do outono abrem-me cavernosas fendas, primeiros sintomas da velhice. Poucos viram meu definhamento e ninguém se comoveu.

Numa noite de forte temporal despertei desmuronada e aberta aos rigores da estação. Amava a criança, e assim derrui, enquanto ela dormia no misterioso e sagrado lar. Restaurada, julgaram-me inapta. Esperei o repouso e veneração angariada em longos anos. Mas, oh desilusão!... Não contentes de me desprezarem, transformaram-me num velho palheiro.

Ontem dei alimento espiritual aos homens agora, o alimento material aos animais!...

Antigamente chilreavam os pequeninos que ouviam a lição, actualmente zumbem as abelhas que sugam a palha. Onde havia o pão-nosso da educação, há o feno sustento dos brutos. Eu, filha querida, minha sucessora, soergueste ainda robusta, nesse monte da «Rainha». Ontem estavas formosa, hoje pálida e negra. Nas tuas janelas fulgia o sol que encontras os velhos caxilhos, em que restam alguns vidros quebardos. A tua entrada principal aguarda ainda o dia em que será completada. «Esse desejado dia virá alguma vez?». A tua volta, o terreno não aplanado guarnece-te, com restos do velho entulho!... Tive longa existência, embora o fim seja infeliz. Porém tu, que ainda contaste a primeira dúzia de invernos estarás condenada a não festejares sequer as tuas bôdas de ouro, se jámais se lembrarem de ti. Entretanto te devia restaurar. A tua irmã mais velha das Atalaias sofre do mesma mal.

E' bem certo: «longe da vista, longe do coração».

Fernandes Neves

Orlando Courrège